

A Manuel Farinha dos Santos: memória de uma discípula

Maria Graciana Dias Marques

Conheci o Professor Manuel Farinha dos Santos há largos anos, quando em 1957, já lá vão quarenta e sete, quanto tempo!, debutava no Curso de *Filologia Germânica* na Faculdade de Letras de Lisboa e ele se preparava para concluir, na mesma Universidade, o Curso de *Ciências Histórico-Filosóficas*, que interrompera no cumprimento de funções oficiais no Estado da Índia, Goa.

De um relacionamento puramente académico, primeiro informal como colega discente e depois respeitoso como professor, nasceria uma Amizade que o tempo longo reforçaria, porque era um sentimento, talvez possa mesmo dizer qualidade, que Manuel Farinha dos Santos facilmente cultivava com quem quer que privasse. Mas foi no Museu Etnológico Dr. José Leite de Vasconcelos, onde eu então trabalhava na catalogação dos livros do legado do grande Mestre, que comecei a conhecê-lo melhor e onde se solidificaria o convívio arqueológico, entre livros, questões de *Arqueologia* e *História* e muitas figuras prestigiadas da cultura portuguesa, e até estrangeira, que por ali passavam. O gabinete do Director, o Professor Doutor Manuel Heleno, era contíguo à sala grande da biblioteca, comunicando por uma monumental porta em castanho e poderosos batentes e onde o Professor Manuel Heleno e Manuel Farinha dos Santos, posteriormente seu assistente, reuniam quase todas as tardes, nunca deixando de vir cumprimentar-me afavelmente, e onde também com frequência semanal recebiam visitas de ilustres académicos ou especialistas de vários domínios da cultura, que, invariavelmente, depois de longas conversas tranquilas ou discussão animada pela tarde dentro, passavam pela biblioteca para consulta de uma obra ou conhecer o magnífico acervo bibliográfico disponível aos que vinham pela primeira vez. E recorro, com a maior reverência e saudade, personalidades que então conheci e me dirigiam palavras de incitamento, quando Manuel Farinha dos Santos me apresentava como uma entusiasta da *História* e *Arqueologia* e,

bondade sua, “grande habilidade” para o desenho arqueológico, palavras lisonjeiras que mais confundiam a minha natural timidez. E se evoco, neste momento, algumas dessas personagens, tenho por único objectivo ilustrar o prestígio de Manuel Farinha dos Santos, que a todas elas acompanhava, sempre com elevada elegância, respeitosa dedicação, mas também singular modéstia - os veneráveis Professores Scarlat Lambrino e Mário Chicó; os inefáveis Drs. Marques da Costa, Luís Chaves e Fernando de Almeida; os verbosos Drs. Fernando Bandeira Ferreira, Fernando Castelo Branco, Jorge Borges de Macedo e o discreto Dr. Fernando Nunes Ribeiro; a dinâmica Margarida Ribeiro e as Dr.ªs Rosa Castanho, Maria Alice Beaumont e Irisalva Moita, entre tantos outros; dos estrangeiros, memoro o malgrado Professor Serafim da Silva Netto, alegre e sabedor docente brasileiro de *Cultura Portuguesa* na Universidade de Lisboa; o reconhecido professor italiano Anati, do Centro Camuno, e a serena pré-historiadora belga Lia R. Dams, figuras a quem Farinha dos Santos concedia grande estima e um relacionamento científico e arqueológico intenso.

Quando preparava a dissertação de Licenciatura, *Contribuição para um melhor conhecimento da “terra sigillata” encontrada em Portugal. A “terra sigillata” do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos* (1958), Manuel Farinha dos Santos teve a amabilidade de me convidar, já com o seu espírito perspicaz e incitador de verdadeiro pedagogo, a tentar o desenho dos materiais cerâmicos do Museu, que viriam, de facto, a ilustrar o texto; falando dessa minha modesta aptidão a Marques da Costa, acabei por colaborar num trabalho do ilustre especialista, sobre um conjunto de moedas romanas recolhidas em Setúbal, que também viria a ser público. Como se vê por este precoce exemplo, Manuel Farinha dos Santos, desde o início da sua actividade docente, partilhava do princípio da colaboração interdisciplinar, do trabalho em equipa e da cooperação leal, atributos que nunca deixaria de cultivar durante todo o seu percurso de investigador e académico. A par destas intervenções em trabalhos de gabinete, incitara-me também a participar em sucessivas equipas de estudantes universitários nas campanhas arqueológicas de Tróia de Setúbal.

Manuel Farinha dos Santos era, com efeito, a par de extraordinário comunicador, um excelente condutor de jovens. Estes seguiam-no com ávido interesse e alegre entusiasmo, dedicando muitos dos seus tempos livres, em fins de semana ou durante as férias, ao estudo e prática arqueológica no terreno

e, para coroar essa dádiva espontânea do Professor, retribuía-lhe com uma sã Amizade. Exponho esta minha experiência de discípula debutante, porque ela será o paradigma de largas centenas de outras, que conheço, mas cujos contornos serão certamente diferentes. A verdade é que o Professor Farinha, como todos os alunos afectuosamente o chamavam, era como um pai, feliz, rodeado de uma prole matizada e cada ano renovada. Penso que foi aí, por entre as ruínas dos campos loiro-verdes de Tróia, essa jóia latina hoje quase esquecida, que verdadeiramente nasceu o Mestre e se fortaleceu o Arqueólogo. Enfim, aí se corporizaria uma escola que acabou por marcar uma frutuosa geração.

Depois, foi um palmilhar contínuo pelos caminhos da *Arqueologia* e da *História*, ou, com mais precisão, da *Pré-História*, sob diversas vertentes, partilhando sempre tarefas com colaboradores, colegas de ofício e alunos, caminhos que me escuso a enunciar em pormenor, porque já outros dignos Amigos condignamente o fizeram¹. Porque Farinha dos Santos não foi um pedagogo solitário, satisfeito consigo mesmo. Era um homem de visão aberta, vistas largas, um *open mind* impulsionador do saber experimental e da investigação pura, que compreendia o conhecimento arqueológico como uma ciência precisa, uma espécie de medicina partilhada, onde prática e teoria deviam complementar-se de igual para igual – o mesmo cuidado, a mesma exigência, o mesmo rigor, se possível o mesmo amor e dedicação. Para dizer a verdade, apesar da actividade quase febril, do dinamismo que por vezes excedia o comum, hoje, à distância do tempo e da forma, vejo-o, afinal, como um pacífico pensador romântico, embora também fosse capaz de levantar a voz de indignação quando pressentia uma injustiça social, uma calúnia, ou o abuso de um aluno menos “honesto”. Para evitar equívocos com estes, e até protegê-los (oh, santa ingenuidade!), nas provas escritas de frequência ou exame mandava todos colocar os haveres sobre o estrado da sala. “Só a caneta e a cabeça. O papel dou eu. Eu conheço-vos bem” – costumava dizer, com um sorriso quase infantil.

¹ Leia-se o magnífico texto de Professor Doutor João Luís CARDOSO, *Elogio do Prof. Manuel Farinha dos Santos*, proferido na Assembleia Geral Extraordinária de 23 de Abril de 2002 da Academia Portuguesa da História, por ocasião da tomada de posse daquele ilustre arqueólogo da Cadeira nº 9, que pertencera ao distinto académico Professor Manuel Farinha dos Santos, e publicado em *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 10 (2001/2002), pp.11-37 (com separata); ver no presente vol. dos Anais / História.

E conhecia, de facto. Possuía não só uma memória formidável, que, felizmente, conservaria até ao fim dos seus dias, mas também um profundo olhar psicológico. Nada escapava à sua observação. Era, também, um hábil contador de histórias, pessoais ou alheias, a maioria sobre situações passadas no seio das experiências arqueológicas, onde fazia ressaltar um humor sadio para “manter o moral das tropas” e animar os trabalhos, muitas vezes bem duros, sob o sol dardejante de Tróia, do Escoural e da Serra de Aire, ou no interior frio e húmido de uma gruta, como na Cova da Moura, em Torres Novas. No campo, era mesmo um homem alegre.

Em 1977, quando se constituiu a Universidade Livre, após os anos conturbados das Movimentações Políticas e Militares de Abril, tempo em que o Professor sofreu desagradáveis vicissitudes, como tantos outros académicos sofreram, retomou a docência. Apesar dos agravos, Farinha dos Santos manteve ânimo persistente para continuar, dando nesse período à estampa um conjunto importante de trabalhos, tendo por bom suporte o apoio da Família, sua dedicada esposa, a Senhora D. Esmeralda, que incansavelmente o acompanhou em todas as boas e más horas, que a todos conhecia e a todos agradava, os Filhos e os verdadeiros Amigos, que os teve e o apoiaram nas horas mais duras. Da experiência, naturalmente, nasceria alguma amargura, que o tempo foi cicatrizando, mas também fortaleceria o entusiasmo de viver para o Estudo, para a Arqueologia, para a Docência, e também a força anímica para suportar a grave doença que posteriormente o atingiria e, mais ainda, a morte prematura do filho. Manuel Farinha dos Santos foi, a par de um lutador pelos ideais arqueológicos e pela vida, um estudioso nato, como se usa dizer, sempre na crista da onda, atento às últimas publicações temáticas no universo do seu agrado - Arqueologia, claro, na diversidade dos seus matizes, Geologia e Espeleologia, Astronomia, História das Religiões, Culturas e Mentalidades designadamente Pré-Clássicas e Clássicas, e até Filosofia e Poesia - obras que adquiria, custasse o que custasse. Podia, com efeito, abdicar de tudo, mas nunca de um livro que lhe interessasse e que, após leitura atenta, religiosamente depunha na sua já rica biblioteca. Era, de facto, muito cioso dos seus livros. *É a minha única riqueza* - dizia com orgulho. Na última fase da docência, na UAL, muitas vezes se queixou, que arrelia!, de alunos que não lhe devolviam os livros emprestados para estudo. Então, para evitar tamanho aborrecimento,

resolveu que todos continuariam a ter acesso ao seu acervo literário, mas consultado na sua casa, e, se necessário, fotocopiado na hora e devolvido na hora. Defraudar a biblioteca, alienar os seus instrumentos de trabalho, isso já não permitia. Mas os alunos lá iam, e nós também, como em peregrinação devota, compreensivos e satisfeitos com a sua ajuda e orientação. De resto, nada negava a ninguém.

O meu gosto pela *História*, fizera mesmo algumas cadeiras de opção nessa área, no Curso de *Filologia Germânica*, e a minha tendência para as coisas arqueológicas e alguma experiência adquirida no campo, levaram a inscrever-me na Licenciatura em *História*, na Universidade Livre, em 1978, recém-instituída. Farinha dos Santos, agora aí docente, percebeu que eu seria capaz de chegar a bom termo, alargando-se a partir de então os horizontes da colaboração mestre-discípula. Era assim com todos os discípulos em quem percebia dedicação à causa arqueológica, vocação e qualidades humanas, elemento este que eu diria indispensável para caber no seu universo académico e privado. No terceiro ano do Curso, mercê da média de classificações obtida, convidou-me para colaborar com ele, como monitora, na disciplina de *Arqueologia Romana*, área do meu melhor interesse. Seria aqui, nesta nova fase do seu fecundo trânsito arqueológico, penso, que o Professor Farinha dos Santos, como docente e investigador, melhor reforçaria a sua já avançada prática com projectos cada vez mais dinâmicos que fizeram despontar renovadas vocações. Após a cisão operada na Universidade Livre, prosseguiria a docência na Universidade Autónoma. Na Universidade Livre, aliás, encontrara, mais uma vez, um bom viveiro de discípulos, que seguiriam meticulosamente a sua escola, acompanhando-o passo a passo, até à UAL. O talento para recrutar colaboradores entre os discípulos e incentivá-los a ir sempre mais longe na demanda de mais um grau académico, e que muitos foram, e talvez possamos afirmar que ainda são, não era apenas uma qualidade propedêutica genética, mas também resultado de uma metodologia precisa, uma magnífica acção docente, um acérrimo espírito de observação, uma espécie de sexto sentido, insinuante, acompanhado de um agradável sentido de humor, um permanente à-vontade no convívio, secundado por um elevado culto de Amizade, sem deixar de ser incisivo na defesa dos valores humanistas e ideais arqueológicos, quando algo fugia aos padrões filosófico-científicos por si considerados correctos. Não será demais repeti-lo.

Os anos e as experiências vividas fizeram-no um ser ainda mais tolerante. A seu lado, além da minha discreta pessoa, que o Professor procurara sempre activar, eu sei, estiveram muitos outros bons discípulos, a quem nunca regateou apoio leal até ao fim, e também estes, como eu, actualmente orgulhosos do seu Mestre e Amigo, e que nesta Universidade prosseguem, com êxito e dignidade, os seus prestigiosos ensinamentos. O prestígio de um Mestre é, pois, o orgulho dos discípulos e da Escola onde exerce; e a passagem de testemunho tornar-se-á assim o processo natural para o reforço de um nome, de uma acção e devoção, enfim, uma homenagem contínua mas discretamente sincera de ambas as partes. Os Professores Doutores José Manuel Fernandes Rolão, no momento Director do Departamento de *História* e mentor do actual Doutoramento em *Arqueologia*, resultante do convénio com a Universidade de Salamanca, onde fez o seu doutoramento por incitamento de Farinha dos Santos (assim se passaria com a dinâmica Dr.^a Carmen Gonzalez ou o afável Dr. António Cavaleiro Paixão, a quem impulsionou para o doutoramento na Universidade de Sevilha), e à frente de um projecto arqueológico no Vale do Tejo, que Farinha dos Santos apadrinharia com grande regozijo; e Adolfo Silveira Martins (doutorado em 1998 pela U. Sevilha), na área da *Arqueologia Naval*, sector que o Professor também tanto estimulara entre nós e que de momento está a colher preciosos frutos, com equipas alargadas onde colaboram alunos e doutorandos da Universidade, em trabalho de campo e gabinete, na mesma linha de Farinha dos Santos. O mérito de todos é obviamente pessoal, mas o estímulo e a seiva radica inegavelmente no Mestre. Muitos Professores da UAL, mesmo alguns estranhos ao núcleo da *História*, colheram o fruto da sua dedicação e apreço; outros usufruíram do suco da sua docência ou da sua experiência arqueológica, na UAL ou em outra Universidade. Ninguém lhe ficava indiferente e lhe negava respeito. Lembro como apreciava o Professor Dr. João Evangelista, Amigo de longa data, frontal e afeiçoado ao magistério como ele; a Dr.^a Judite Cavaleiro Paixão, com quem trabalhara em Tróia e admirava o valor de paleógrafa brilhante; a Prof.^a Mestre Maria Isabel Miguéns, por quem o Professor nutria um saudável afecto, diria mesmo paternal; o Professor Doutor Armando Luís de Carvalho Homem, a quem Manuel Farinha dos Santos devotava sincera estima e reconhecia inestimável competência, e que após alguns anos de trabalho em comum na Directoria do Curso de *História* lhe concederia um louvor

público², que Farinha dos Santos, desvanecido, gostava de recordar, fazendo logo pressupor uma admiração mútua; o Magn.º Reitor, o Professor Doutor Justino Mendes de Almeida, igualmente colega e Amigo de muitos anos, que em sessão de homenagem e em nome da Universidade, fez uma saudação pública notável, cujo título, de imediato, sugere o Homem e resume a Obra - *Manuel Farinha dos Santos: uma vida consagrada à Arqueologia (40 anos de actividade Cultural)* – perante uma plateia repleta de Familiares, Corpo Académico, Alunos e antigos Alunos, enfim os seus Amigos, que não quiseram deixar de partilhar o elevado momento de congratulação e o agradecimento por uma vida cheia e uma memória digna³.

Dos projectos concretizados na UAL, a que associou sempre os colaboradores próximos e alunos mais distintos, assinala-se a criação do *Centro de Estudos de Arqueologia*, de que teve a primeira Directoria, tornando-se este um verdadeiro motor que desencadearia a explosão de um conjunto de acções dignificantes para a sua pessoa e sobretudo para a Universidade, como ele fazia sempre questão de enfatizar - ciclos anuais de conferências temáticas de várias áreas da *História*, com a participação de professores internos e especialistas exteriores à Universidade convidados e até de alunos devidamente orientados, pois gostava de incentivá-los para o meio que, como dizia, *era muito duro de penetrar. Só com uma sólida preparação aos diversos níveis, lá poderás chegar...* - repetia à maneira de cordial conselho, sem nunca negar-se a qualquer ajuda ou advertência intelectuais. Depois, era a planificação de campanhas de escavação sistemáticas, verdadeiros campos de arqueologia prática, para sustentar com alegria a práxis científica mais penosa das aulas teóricas do curso. E recorro as consecutivas peregrinações, ano após ano, à Buraca da Moura (Torres Novas); à jazida epipaleolítica do Vale da Fonte da Moça (Almeirim); ao Camarnal (Alenquer); e por último, já em momento físico difícil, mas bem lúcido, a S. Vicente de Fora (Lisboa), a convite do Dr. Fernando Rodrigues Ferreira, responsável pela escavação. Até ao fim, como se percebe, não perdeu o sentido de humildade, humana e científica. Eram reuniões regulares

² Louvor público pelo exercício dedicado de Vogal do Departamento de *História* (1991-1992) e Sub-Director do Departamento de *Ciências Humanas* para o Curso de *História* (1992-1995).

³ Sessão realizada em 28 de Maio de 1998, no auditório do Pólo da Boavista, onde então funcionava o Curso de *História*.

com os discípulos para programar visitas de estudo, a museus e locais arqueológicos ou centros de arte, nacionais e estrangeiros; a participação em conferências, palestras e colóquios; ou simplesmente apresentar-lhes objectos líticos, fragmentos de cerâmica ou adornos para que os reconhecessem ao vivo, desenhassem e recapitulassem a sua função sócio-cultural; a elaboração e orientação de trabalhos práticos escritos, para se concretizar a outra vertente do conhecimento arqueológico, ou outro, que o Professor não descurava - a pesquisa bibliográfica e o texto bem escrito e estruturado. Farinha dos Santos era, igualmente, exigente na prosa, até consigo mesmo, e costumava repetir, *é preciso massacrar as palavras até à exaustão*, ideia que sempre procurei não esquecer, em vão, já se vê. Mas que melhor atributo pode ser imputado a um Mestre, senão o de uma exigência sã? Depois, na mesma linha de rejuvenescimento e democratização dos estudos arqueológicos, foi o projecto de criação de Cursos Livres em *Arqueologia*⁴, que, postos em marcha, trouxeram novo êxito para o Professor e prestígio à Instituição, chamando à UAL um elevado número de participantes, jovens e menos jovens, muitos mesmo ex-alunos, uns famintos de saber teórico-prático, os outros para “matar saudades”, e ficando-se como um saudável modelo que ainda hoje muitos de nós agradavelmente recordamos – em *Pré-História, Arqueologia da Idade do Ferro, Arqueologia Romana, Arqueologia Naval, Desenho Arqueológico* (1990-1992) e *Arqueologia da Estremadura e Arqueologia de Portugal* (1998-2000).

Obreiro de um edifício intelectual sólido, o Professor Manuel Farinha dos Santos ainda continua bem vivo na memória dos que com ele privaram e dele colheram saber. A prová-lo, ainda numa das últimas sessões da Academia Portuguesa da História (24.03.2004), o Professor Doutor Victor dos Santos Gonçalves, da Universidade Clássica de Lisboa, na apresentação da sua comunicação *Placas de Xisto do Ocidente Peninsular*, evocou o seu trabalho sobre essa temática e proferiu palavras elogiosas a respeito dos bons Mestres que teve⁵, mais exactamente referindo, *que a chama da vela por eles ateadada*

⁴ À semelhança dos Cursos Livres de Santarém, nos inícios da década de 1980, criados pelo Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, seu particular Amigo, e onde Farinha dos Santos ministrou os cursos de *Iniciação à Arqueologia do Ribatejo, Iniciação à Arqueologia Romana em Portugal e Iniciação à Arqueologia da Península Ibérica*, aos quais também tivemos a honra de assistir.

⁵ Referia-se ao Professores Manuel Farinha dos Santos e Joaquim Veríssimo Serrão, de quem obtive as melhores notas do curso.

continua acesa e eu tudo estou a fazer para que não se apague, palavras que o Secretário da Mesa, o Professor Doutor João Luis Cardoso saudosa e generosamente reiterou. E todos nós, seus alunos, não deixaremos de aplaudir e partilhar.

Ao evocar o Professor, pelo meu testemunho de discípula fiel, e em grande parte presencial, como já fiz questão de expor, não posso deixar de relembrar a facilidade de trato com todos os colaboradores, e muitos foram e dos mais diversos matizes ideológicos e categorias sociais, quer em trabalhos de campo e de laboratório, quer em letra de forma, como, aliás, as respectivas bibliografias demonstram. Saliento os que momentaneamente e sem esforço me chegam à memória, para ilustrar a sua personalidade e competência – Dr. Pires Gonçalves, seu particular Amigo, de que resultou um palmilhar pelo Alentejo profundo e a publicação de artigos em comum, com destaque para *Menhirs et Cromlechs de l'Alentejo*, apresentado ao IX Congresso da *União Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas*, em Nice (1976)⁶; Coronel Afonso do Paço, de quem contava jocosas aventuras arqueológicas passadas em comum; Carl Harpsøe, cônsul da Dinamarca em Portugal, e dedicado à *Espeleologia e Arqueologia*, dispensava ao Professor grande estima e concretizou-a em momento oportuno; Octávio da Veiga Ferreira, seu companheiro em muitas lides no terreno e no prelo; o inefável Professor Santinho Cunha, que chamou a um saudável convívio pessoal e académico; o Arquitecto Mário Varela Gomes e esposa, Professora Doutora Rosa Varela Gomes, parceiros de acção em várias campanhas no santuário e povoado exterior à Gruta do Escoural, de que resultaria igualmente uma comunhão de sentimentos e trabalhos publicados, e levaria para membro da Academia Portuguesa da História aquele ilustre arqueólogo; aos Drs. Carlos Tavares da Silva e esposa Joaquina Soares dedicava Farinha dos Santos particular carinho, não escondendo nunca o apreço pela competência de ambos, vivida no terreno, em escavações em Setúbal e sobretudo na Área de Sines (1973-1974), tendo dado à estampa alguns trabalhos de co-autoria. Lembro ainda o excelente relacionamento do Professor com a população de Santiago do Escoural (na Vila todos o conheciam e respeitavam, confiando-

⁶ Por insistência do Professor fiz a respectiva tradução para francês, tal como para o esplêndido artigo publicado em *Les Dossiers de l'Archéologie*, (Paris, 1974, pp.10-18), *Dolmens et Menhirs de l'Alentejo*.

lhe até peripécias do presente e contando histórias passadas, que o Professor gostava de ouvir e recontar), começando pelo dedicado Chico, guarda do sítio arqueológico e aprendiz de cicerone, que na correspondência trocada com o Professor sobre o andamento das “coisas” na gruta na ausência deste, terminava sempre, na sua letra tortuosa, com um cordial *Abraço do Chico* e um patético *A Bem da Nação*, fazendo esta divisa as delícias bem humoradas do Professor. Também recorro o bom Augusto, alentejano corpulento e bonacheirão, o proprietário da tasca, pomposamente apelidada de restaurante, que preparava religiosamente as refeições para o Senhor Professor e demais elementos da equipa e se apurava nos petiscos tradicionais quando acontecia a vinda de convidados, enfim, visitas especiais, para admirarem a novidade das figuras rupestres na gruta. Era “um tu cá tu lá” sem vírgula, espontâneo e sadio. Lembro ainda o franzino José Justo, fotógrafo experiente, que, ao lado do Professor, e com a maior dedicação, *calcorreou Portugal de lés-a-lés à procura dos testemunhos que foi necessário reproduzir*⁷, quando da publicação de *Pré-História de Portugal* (1972), obra que conheceu assinalável êxito, com segunda edição revista e actualizada em 1985. Finalmente, dos Amigos arqueólogos que o acompanharam dedicadamente até ao fim dos seus dias, com a presença frequente na sua pequena-grande biblioteca lá no topo da íngreme rua da Cidade de Cardiff, nº 8, o seu refúgio dilecto, porque era aí entre os livros, jornais diários e música que ainda sentia algum significado de Vida, conta-se o Professor Doutor João Luís Cardoso, com quem o Professor gostava de trocar ideias sobre as últimas actividades e novidades arqueológicas, conversar da sua vida, enfim, desabafar. Como académico, também por proposta sua para a Academia da História, viria justamente a suceder-lhe, na cadeira nº 9.

Farinha dos Santos, como acabámos de ler, foi um fazedor de Amizades e mentor de Especialistas em *Arqueologia*.

Desde que deixara a docência, e praticamente não saía de casa, todos os Sábados, à tarde, eu ia visitá-lo. Continuava bem lúcido. Sentado na cadeira junto à secretária, ia dando conselhos e exemplos, advertindo, mostrando um novo livro, incitando ao trabalho, com um *é preciso fazer currículo ! quase*

⁷ Conforme vem citado na introdução de *Pré-História de Portugal*, Ed. Verbo, Col. Bibliotecas das Civilizações Primitivas, Lisboa, 1972, p. 10.

categorico, à necessidade de manter actualizados os conhecimentos e técnicas cada vez mais apuradas, à investigação e publicação... recordando episódios do passado, riquíssimo património pessoal e intelectual... querendo saber notícias da Universidade, dos alunos... Não parar, era o seu lema. Via nas suas palavras uma alegria sem limites, quando contava, alquebrado mas satisfeito, que recebera uma visita acompanhada de um “miminho doce” de alunos recentes, a Carla Vidal, o Alexandre..., ou antigos, o António, como carinhosamente tratava o Cavaleiro Paixão... de um colega, a Carmen Gonzalez, o Professor Veríssimo Serrão... *que não esquecem este dinossáurio já velhote*, expressão pronunciada com um sorriso, a esconder tristeza.

Então como vai a doutora mestra? Diz-se mestra ou mestre? - repetia sempre, em tom alegre e fingida ignorância. E era um desafio de questões, sobre a docência, livros, propostas de temas para trabalhos a publicar... *Lute pela Numismática, e publique!... Chegaram-me aos ouvidos uns zunzuns a seu respeito...* - dizia com ar falsamente enigmático – ... *na disciplina de Pré-Clássicas. Sabe, mas não diga nada a ninguém, os alunos contam-me tudo!...* – prosseguia fleumático. ... *Eles gostam de si!...*, concluía satisfeito, quiçá feliz, porque, afinal, era também obra sua, e eu percebia algum brio nisso. Era mesmo um excelente psicólogo.

Em verdade, o Professor dera um forte impulso aos estudos numismáticos⁸, na área específica da *Numismática Romana e Hispânica*, publicando vários trabalhos, confiando na minha participação em alguns, designadamente o estudo das moedas romanas da colecção de Frei Manuel do Cenáculo, do Museu de Évora. Quando se dedicou exclusivamente à *Arqueologia*, passou-me o facho, e eu fui seguindo de perto os princípios de fundo que o nortearam, apenas adaptados às novas correntes interpretativas. Se realizei o Mestrado em *Sociedades e Culturas Pré-Clássicas*, na Universidade Nova de Lisboa (1994), ao Professor o devo, porque me incentivou, como fazia com todos os outros discípulos, a inscrever-me, porque, dizia, a disciplina continha muito de prática arqueológica. E como em termos físicos a arqueologia de campo se tornaria mais penosa para mim, seria um bom vínculo de segurança,

⁸ Na década de 1960 leccionou a cadeira de *Numismática* na Universidade Clássica de Lisboa, onde também exerceu magistério em *Pré-História, Antiguidade Oriental e História da Arte*.

sem fugir da minha particular vocação⁹. De facto, assim foi. Mais uma vez se cumpria a visão correcta do Mestre quanto às possibilidades individuais, nas perspectivas intelectuais e humanas. E não se ficaria por aqui um dos seus maiores desejos pessoais - levar à Academia da História um discípulo formado na UAL, como já fizera com tantos colaboradores, ou individualidades com reconhecidos méritos¹⁰. A convite do Professor J. Veríssimo Serrão, de quem fui igualmente discípula, e proposta do Professor Farinha dos Santos, cumpriuse a sua vontade. Académica correspondente, desde 2000, cumpro o mais escrupulosamente possível a minha obrigação de presença nas sessões públicas semanais ou extraordinárias, e eventual participação com comunicações, a exemplo e conselho do brilhante académico que foi Farinha dos Santos, no seguimento de uma prática regular, acompanhando-o e à sua esposa, com religiosa assiduidade.

Já vai longa esta minha memória, simples mas exacta e leal, e quase nada disse do muito que Manuel Farinha dos Santos viveu e serviu. Sinto, como uma obrigação moral, deixar nestas páginas dolorosamente tecidas, a justificação da nossa colaboração, dos seus ensinamentos e apoio isento, da influência rutilosa junto de todos os discípulos, muitos dos quais também seriam meus, dos contactos com gente comum e personalidades gradas da sociedade com quem privou ou esparsamente se relacionou, das várias instituições onde trabalhou e deixou marcas vincadas da sua postura, da sua capacidade criativa, do seu interesse por tudo quanto implicasse genuíno sentido cultural.

O afecto que dispensava aos discípulos mais dedicados estendia-se para além das paredes secas das salas de aula ou das quadrículas abertas no terreno dos múltiplos locais arqueológicos. Muitos lhe confiavam questões pessoais e até sentimentais, simples ou complexas; e o Professor pacientemente a todos escutava, aconselhava e até as resolvia, sanando um amuo, encaminhando-os para um professor ou arqueólogo amigo, ou mesmo orientando-lhes os passos

⁹ A tese de mestrado, *Práticas Funerárias Hebraicas, segundo o Antigo Testamento*, foi, com efeito, um trabalho com forte suporte na vertente arqueológica.

¹⁰ Por proposta ou votação sua, a Academia Portuguesa da História reúne hoje um largo número de académicos activos, na área da *Arqueologia e Numismática*, com participação regular nas sessões e apresentação de comunicações.

para obtenção de um emprego, numa câmara municipal, numa biblioteca, num museu... Era bom.

Com a sua morte, perdeu-se, é certo, um dos mais prestigiados arqueólogos europeus do último quartel do século XX, protótipo do investigador contemporâneo na escola portuguesa, mas não desaparecerá seguramente nem a sua memória de Homem bom, nem de Professor brilhante, enquanto a semente do seu saber germinar e crescer em cada um dos discípulos que formou e não esboroarem as páginas por si escritas.

E seja o que for que alguém possa dizer em desabono do seu nome, para além dos muros académicos, nada maculará essa memória de Mestre probo e tolerante, que lutou arduamente por um ideal que cumpriu com invulgar escrupulo em prol da cultura portuguesa. A *Nova Arqueologia*, ou a Escola Contemporânea em Portugal, deve-lhe muitíssimo. Não o esqueçamos, pois.

*(...) Não é só quando vivos e presentes que os
Mestres instruem e ensinam os que gostam de aprender;
mas, esse mesmo fim, eles o alcançam depois de mortos,
no seu legado literário (...)*
(Cícero, *De Officiis*, Livro I, 44.156)



5. "Tirando um cochilo"... (na visita de estudo referida na ilustração 2.)



6. Congresso "Arte e Arqueologia Pré-Históricas" (Monforte, 1987).

À esquerda na foto, Mário Varela Gomes, arquitecto, académico e professor da U. Nova de Lisboa.